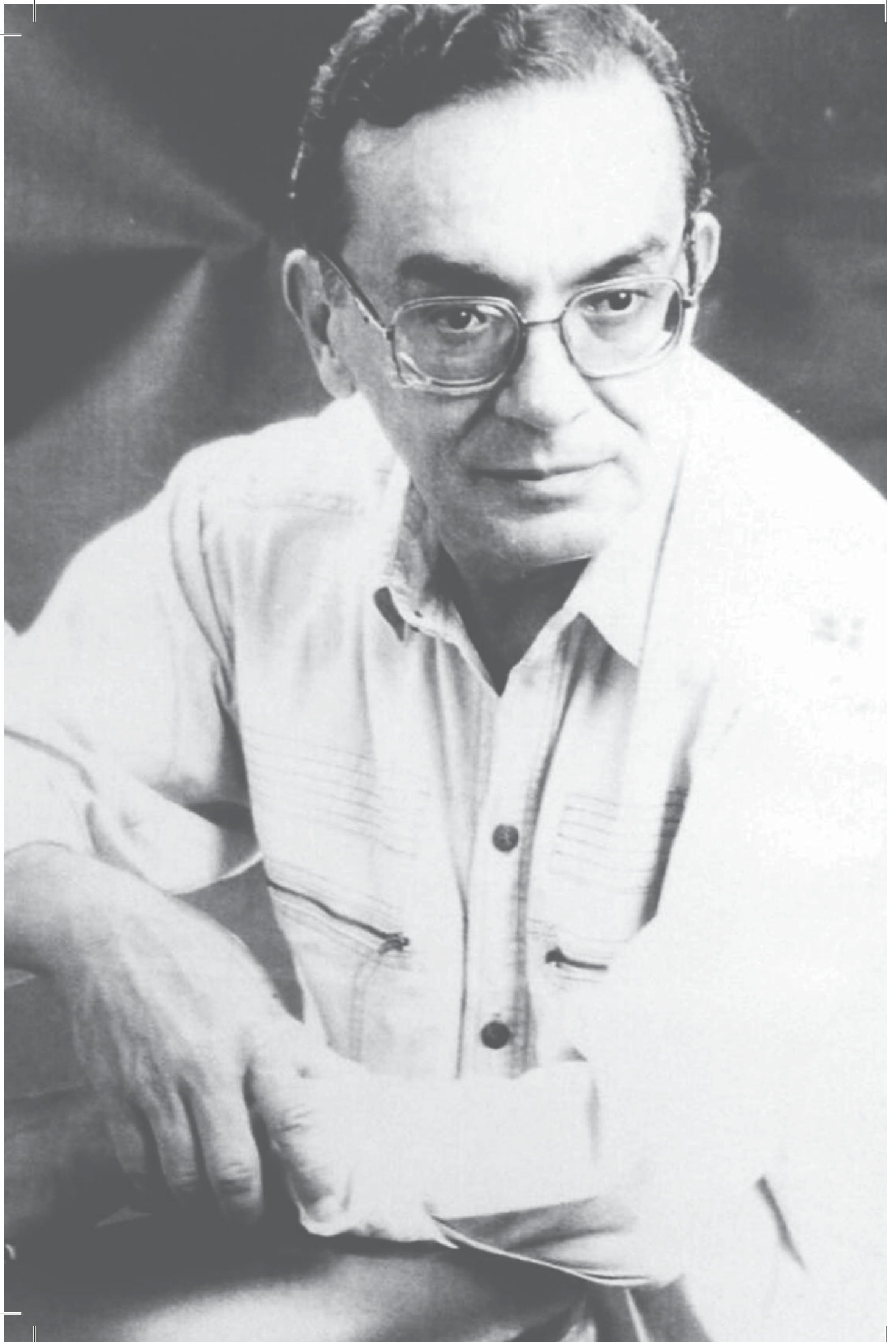


EVERALDO
MOREIRA VÉRAS

**EU CONTO
O CONTO
ASSIM**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020



NOTA DO CURADOR

Este livro foi concluído na praia de Boa Viagem, no Recife, por Everaldo Moreira Vêras (1937-2011), em janeiro de 2010, mas não publicado. Trata-se de uma obra póstuma e inédita, fruto de uma pesquisa minuciosa sobre a criação literária desse grande escritor piauiense/pernambucano, celebrado com efusão em seu tempo, nos espaços da Livraria Livro 7, inclusive, onde se reunia a intelectualidade do Recife, no bairro da Boa Vista.

Everaldo Moreira Vêras nasceu na Parnaíba, na costa do Piauí, a 17 de agosto de 1937. Sua dicção é universal. Não cantou a sua aldeia, porém, nunca deixou de registrar em sua biografia a cidade mágica do seu nascimento. A sua Literatura está impregnada da condição humana, do medo da morte e do desejo de viver. É um homem solar e de múltiplas vivências, jamais relegou a sua origem. É também primo do escritor maranhense Humberto de Campos, imortal da Academia Brasileira de Letras, e que desfrutou da sua infância na Parnaíba.

Everaldo Moreira Vêras é gênio. Um escritor robusto e pleno em tudo que escreveu. Sua incisão criadora é tão fértil quão a luz literária de um Assis Brasil (1932-) ou de um Benjamim Santos (1939-), seus pares conterrâneos e contemporâneos.

Preservar a memória de vultos como Everaldo Moreira Vêras é de suma importância para a continuidade da humanidade. É um ideal para o futuro. O que somos sem o exemplo? Todo

escritor, via de regra, é um humanista, quando poeta, é o fundador da sua cidade. Everaldo Moreira Vêras não somente recria o imaginário, como também oferta à posteridade, um elo fraterno de iluminações e de consciência coletiva.

Tenho procurado respeitar os nossos liames evolutivos, pondo em evidência personalidades que pontuaram uma época, que influenciaram uma geração e influenciarão muitas outras.

Diego Mendes Sousa

EU CONTO O CONTO ASSIM

Conversaremos sobre o gênero literário mais discutido na literatura brasileira, o CONTO.

(O Conto na literatura nacional é o que me interessa, que me empolga. Bebo nesta fonte, a brasileira, busco os autores estrangeiros esporadicamente).

O debate acontecerá em tom informal, nada de aula, ensinar a escrever ou algo semelhante. Sim, porque escrever é uma arte, não admite a estória de ser ensinada. É um dom, um legado de Deus, a gente nasce escritor como nasce branco, preto, inteligente, desinteligente etc. Impossível passar para alguém o ofício de escrever, seria o mesmo que transformar uma pessoa em cantor, se ele não tem afinação, ritmo, voz. Claro, se o indivíduo guarda dentro de si a centelha, o talento, a bênção divina como já dito — então, o professor poderá melhorar ou seja aperfeiçoar, lembrando os truques do ofício. Aí, valerá a dedicação, o querer, o trabalho árduo. Não existindo a luz interior, o esforço resultará em vão. Eu, por exemplo, não tenho o dom musical, estudaria cem anos e jamais aprenderia a tocar um instrumento.

Por isso, repito: faremos uma mesa-redonda tão aberta quanto possível, já que a arte de ensinar a escrever ainda não foi inventada. Seja o que for, romance, novela, crônica, conto — o talento e a vocação são imprescindíveis.

Alerta o escritor Luiz Vilela: “Com talento e sem trabalho, o escritor não produz nem se aperfeiçoa. Com trabalho e sem talento, o escritor não é reconhecido. Deve-se aliar um ao outro e contar com um pouco de sorte”.

O que é Conto?

A definição é controvertida, confusa, falando a verdade talvez não aponte para lugar nenhum. Muito bem ensinou Mário de Andrade, diante do impasse:

“Conto é tudo o que o Autor chamou de conto”.

Embora uma ironia, esta é a melhor saída para o vaivém, o blábláblá, a conversa oca, que pouco ou quase nada justifica. Senão, vejamos.

Advertem alguns: um conto não deve trazer mais de 7500 (sete mil e quinhentas) palavras, eis a primeira informação. Isso prevaleceu durante certo tempo, hoje ficou mais abrangente e tolerante. Diz-se que poderá variar entre 1000 (mil) e 20000 (vinte mil) palavras, não há rigor quanto ao máximo nem quanto ao mínimo.

Vê-se, pois, que a primeira tentativa de situar o Conto como gênero literário sinaliza para o tamanho do texto. Vale de início, de cara. Se é suficiente, descobriremos depois.

O Conto é, com certeza, uma narrativa curta. Julio Cortázar dizia:

“O Conto é uma luta de boxe, que termina no primeiro round, por nocaute. O romance, não, vai mais longe, uma luta que termina depois de diversos rounds”.

Na literatura americana é chamado de “short story”. Não faz sentido classificar como Conto uma narrativa extensa, cheia de altos e baixos, de inúmeros personagens etc. Contudo, já vi professor de Teoria Literária referir-se ao livro GRANDE SERTÃO: VEREDAS, Guimarães Rosa, e tratá-lo como sendo um Conto. E note-se, a obra tem enredo sinuoso, um monte de

personagens, compõe cerca de 600 (seiscentas) páginas, mais de 300.000 (trezentas mil) palavras.

Também já foi classificado como Conto o texto VIDAS SECAS, Graciliano Ramos, alguns teóricos justificam que os capítulos do livro podem ser lidos separadamente como histórias independentes, isoladas. E é verdade. Igualmente ocorre com o romance MENINO DE ENGENHO, José Lins do Rego, ora é um romance ora é uma coletânea de Contos.

Então?

Então, admite-se que o tamanho não faz tudo, não é fundamental, existirá algo mais concreto, mais interessante, a considerar.

Já a partir do seu nascimento o Conto foi, e continua sendo, caracterizado pela brevidade. Ou seja: uma narrativa curta, veloz, linear, na qual aparece número pequeno de personagens ou mesmo um só. Aponta tão-somente uma ação, de rápida duração temporal a situar-se num espaço reservado, único. Por causa da necessidade de síntese, o contista precisa ter domínio perfeito da palavra, a fim de sustentar o enredo dentro do exíguo espaço disponível. Mais do que qualquer outro gênero literário, o Conto faz tal exigência, se escrito com boa técnica.

Desta forma, impõe-se a densidade dramática. Enquanto no romance existem várias células dramáticas, o Conto expressa somente um momento, um lance sucinto da vida, um fragmento que substitui o todo. O Conto concentra os elementos, resume o pensamento, explora um só eixo temático, um único conflito.

Seus quatro elementos básicos são: personagens, fatos, ambiente e tempo. Seriam semelhantes aos do romance, mas se apresentam resumidos, condensados, não se prevalecendo dos desvios para chegar ao desfecho final, de preferência imprevisível, dramático e surpreendente. Eis por que o Conto se tem transformado na forma predileta das histórias de suspense, fantásticas.

Difundido pelos portugueses, o Conto surgiu no Brasil durante os primeiros séculos da colonização, como narrativa oral. E ainda hoje existe assim, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país, misturado com as influências africanas e indígenas, os tais Contos chamados estórias de Trancoso.

Como registro escrito, foi na metade do século XIX que ele irrompeu na literatura brasileira, no começo do Romantismo. Deu-se a febre do Conto, que contaminou os intelectuais e jornalistas da época.

Um dos grandes contistas brasileiro surgiu no final do século XIX, já no período Realista: Joaquim Maria Machado de Assis. Foi o pai dos outros que o tomaram como referência e padrão.

EDITOR A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em abril de 2020.
